

A PERSONAGEM CATÃO E A NARRATIVA ÉPICA DE LUCANO: A ROMANIDADE E O IDEAL ESTÓICO.

Aécio Flávio de Carvalho*

Resumo: É objetivo desta comunicação, a partir de uma leitura de excertos pertinentes da *Farsália*, do poeta latino Lucano, comentar aspectos distintivos dessa narrativa épica, que é o gênero literário em que se enquadra essa obra, ressaltando o viés ideológico sob o qual o poeta parece querer enfocar a figura de Catão. Ou seja, busca-se demonstrar que a configuração da personagem serve a um objetivo maior que o mero relato dos fatos e do papel que Catão desempenha na economia da história da guerra civil provocada pela dissensão entre César e Pompeu em 49 a.C. e que culminou com fim da república em Roma. Aliás, na *Farsália*, Lucano sublima poeticamente a narrativa, empresta-lhe um requinte estético que o coloca na esteira dos grandes épicos e, a um tempo, assegura-lhe a condição de inovador do gênero; além disso, nos trechos que esta comunicação pretende pôr em destaque, o poeta exalta em Catão as virtudes da romanidade autêntica, assimilando-as – é este um enfoque da leitura e da crítica – a um ideal de vida sob o viés do estoicismo.

Palavras-chave: Lucano, *Farsália*, Catão, *virtus romana*, estoicismo.

Victrix causa deis placuit, sed uicta Catoni (I, 128)

A causa do vencedor agradou aos deuses; a dos vencidos, a Catão.

Há quem considere a sentença acima como a mais famosa toda a *Farsália*. A *Farsália* – como se sabe – é um poema épico do poeta latino Lucano, cujo argumento de fundo é a narrativa da guerra civil em Roma, nos anos 49/48 a. C.; como obra literária, tem o mérito de iniciar um novo encaminhamento para o poema épico, destoando da tradição homérico-virgiliana. Dentre os dados novos que Lucano inaugura deve merecer destaque o abandono da mitologia clássica como elemento essencial da narrativa e, ao invés, a mitificação de figuras históricas, para as quais o poeta outorga um papel simbólico e representativo dos anseios coletivos na conjuntura histórico-cultural do seu momento vivencial.

Essa fórmula nova da elaboração da narrativa épica já fica implícita no verso em epígrafe. Para compreender-lhe a validade e o alcance importa lembrar o contexto em que aparece: Lucano acabava de aduzir razões para a guerra civil e apontava Roma mesma como a causa dos seus males: tu, ó Roma, domínio comum de três senhores, és a causa dos teus males, *tu causa malorum facta tribus dominis communis, Roma* (vv. 84,5). E, logo em seguida, informava quais os protagonistas da luta nefanda: César e Pompeu.

* Universidade Estadual de Maringá - UEM

Naquele momento, o poeta não atribuíra responsabilidade maior pela guerra a qualquer um dos contendores. Antes, afirmava que, na verdade, Roma já trazia do nascimento o estigma da discórdia: seus primeiros muros foram molhados com o sangue fraterno, *fraterno primi maduerunt sanguine muri* (v.95).

Esta é uma afirmação que deve merecer atenção especial. Aqui, sirvam para a melhor caracterização e síntese deste, digamos, complexo coletivo de culpa, até porque são explícitas e dispensam interpretação, duas passagens de Horácio:

Delicta maiorum immeritus lues, Romane. (Odes, III, 6, 1-2)

Inocentemente, ó Romano, pagarás culpas dos antepassados.

E ainda:

*Sic est: acerba fata Romanos agunt
scelusque fraternae necis
ut immerentis fluxit in terram Remi
sacer nepotibus cruor.* (Epodos, VII, 17-20)

Assim é: pesados fados oneram os Romanos
e o crime do fratricídio <pesa>
sobre os inocentes descendentes desde quando
o sangue sagrado de Remo esparramou-se na terra.

Esse verso - *fraterno primi maduerunt sanguine muri* - coloca Lucano, como se vê, na esteira de outros poetas que também traduziram a cultura da culpa presente em Roma desde os tempos da sua fundação. Deriva dessa cultura e dessa culpa a concepção da guerra civil como uma punição dos deuses que, em alimentando a guerra entre os homens, fazem dela um instrumento de expiação.

Dois enfoques, então: por um lado a guerra civil é uma *impietas*; por outro, é a presença da catarse funcionando em razão da culpa original do *genos*.

Ora, é nas circunstâncias identificadas, parecendo eximir-se de um julgamento pessoal, que Lucano põe os contendores à sombra de um arbítrio superior, Catão. E é surpreendente que, desde logo, como se pode ver, Catão seja posto numa escala de tal proeminência que aparece não só nivelado aos deuses mas até como antagonista deles: *Victrix causa deis placuit, sed uicta Catoni* (I, 128).

Tem-se aí um verso que parece uma provocação constante à exegese dos estudiosos. Dentro de um texto impressionantemente retórico e freqüentemente prolixo, a frase se impõe pelo poder de síntese; é um verso contundente e, ao mesmo tempo, polivalente.

É preciso, primeiro, dar atenção à oposição dos termos *uictrix* a *uicta*; e, já em seguida, relacionar tal antinomia a *deis* e a *Catoni*; assim, *uictrix* <> *deis*, *uicta* <> *Catoni*. Tais termos cumprem, a meu ver, um duplo papel: o de levar o conflito para um plano além da disputa pessoal objetivamente verificável e, ainda, o de enaltecer liminarmente a figura de Catão, como fiador de uma causa tão importante que se opõe à causa dos deuses.

A afirmação do primeiro papel liga-se à convicção de que Lucano quis mais do que relatar fatos. Quis também captar o conteúdo ideológico subjacente ao contexto sócio-político.

A afirmação do segundo papel é o objeto específico do presente artigo: visa analisar o procedimento do autor na construção da personagem em foco.

A inclusão de Catão como personagem da narrativa se explica porque, no cenário da Roma republicana, sobretudo entre os anos 70 e 46 a. C., ele foi figura importante. Um poema intencionado à narração das lutas civis após a morte de Crasso, teria que abrir espaço a todas as personagens daquele momento. Catão não foi o protagonista principal dos fatos históricos da luta intestina, da qual vivenciou o início e a evolução; nem jamais praticou qualquer ação que demonstrasse apetite pelo poder. Foi, porém, figura proeminente de uma das facções em luta, o que certamente poderia garantir-lhe menção e destaque dentro da narrativa. Por isso mesmo, a referência tem explicação lógica.

Entretanto, colocar Catão ombreando com as divindades, na forma e na situação em que o poeta o faz, bem mostra que se trata de uma personagem que é muito mais que condição necessária da história. Desde logo o autor parece intencionado a projetá-lo como uma figura cujo papel ultrapassará a realidade das circunstâncias, insuflando-lhe muito mais que um conteúdo histórico.

É o que se pode depreender de uma passagem conhecida como diálogo entre Bruto e Catão. Trata-se, possivelmente, de uma passagem que, pela condição do enredo, tem tudo para ser visto como criação pessoal de Lucano. No diálogo, é possível identificar um confronto dialético cujo teor pode ser resumido assim: é conciliável com a dignidade do sábio o engajamento na guerra civil, que uma manifestação de impiedade?

Como se vê, a primeira questão parte de uma convicção, digamos, “religiosa”,¹ que, aliás, o poeta vai expressar pela boca de Catão logo adiante: ó Bruto, consideramos as guerras civis como o supremo sacrilégio, *summum, Brute, nefas ciuilia bella fatemur*. Para todo romano a guerra civil era um crime de lesa-pátria; para Catão, em quem Lucano vê uma encarnação raríssima de todas as virtudes² e, por isso mesmo, um cidadão exemplar, a luta fratricida seria o maior dos crimes: *summum nefas*.³ E por ser isso verdade, o próprio César ficaria muito feliz, se a guerra civil agradasse a Catão; César, aliás, ficaria satisfeito mesmo que Catão se manifestasse a favor de Pompeu, pois tal posicionamento significaria a aprovação da guerra.

Portanto, qualquer opção seria incompatível com a posição do sábio; tanto a adesão a César quanto a adesão a Pompeu seria, igualmente, uma submissão perturbadora da tranqüilidade de um espírito elevado. Estudando as passagens, Adatte explica bem que o sábio é um homem *totus in se conuersus*, identificado com o bem e, por isso mesmo, com deus.

¹ Há consenso em que Lucano expurga o maravilhoso mítico do seu poema. Isto não significa que despreze os conceitos contemporâneos relacionados à *Fortuna* e as noções do sagrado, do *nefas* - conceitos que permeiam insistentemente toda a *Farsália*. Não é grande ousadia dizer, à luz da pesquisa básica que o entendimento da obra exige, que nela há componentes “religiosos”, tomando-se esta palavra no sentido difuso da relação homem com o sobrenatural. Tal sentido, ademais, interage - na obra - com idéias a respeito do determinismo da sorte (sorte, destino, fado [*fatum*], fortuna) sobre os atos humanos, idéias absorvidas do estoicismo, especialmente.

² Para os objetivos deste estudo, importa marcar bem as referências sobre a virtude de Catão: *immunem corrupti moribus aeui* (v.257); *ne tantum, o superi, liceat. . . tanta. . . uirtus eat* (v. 260; 263); . . . *arcano sacras reddit Cato pectore uoces* (v. 2850. Quanto a esta última passagem, atente-se para a carga semântica de *arcano* e de *sacras*, atribuídos, respectivamente, ao peito e à palavras de Catão.

³ Já aludi (nota 2) à conotação de “sacro” que carrega o termo *nefas*. Já, em estudo de grande oportunidade às considerações presentes, comenta que justamente esta assimilação entre o sentido do cívico e o sentido do religioso, entre pátria romana e deuses romanos, é que está na raiz dos problemas religiosos suscitados pela guerra civil.

Seria impossível tal identificação caso se sujeitasse às preocupações do comum dos homens, aos *officia*.

Ora, para o roteiro por ele concebido, Lucano precisa justificar a adesão do sábio Catão ao partido pompeano. Então, tergiversa: sábio é quem é capaz de entender e aderir às razões soberanas do *fatum*; *fatum* – o destino – deve ser compreendido como o desenvolvimento necessário de leis naturais imutáveis e providenciais; desta forma, Catão, ao assumir um papel na guerra civil realmente nefanda está, em verdade, aderindo não à guerra mas ao *fatum* que a predeterminou. Se há crime, deve ser imputado aos deuses: *Crimen erit superis*... E o poeta conclui que a adesão do sábio não é à guerra e a Pompeu, mas à predeterminação dos deuses.

Essa sofisticada montagem do discurso de Lucano merece mais considerações. O termo *superis*, ali, é um dentre outros que o poeta usa indistintamente, tais como *fortuna* ou *dii* ou *numina*, confundindo-os com *fatum*. Ele não elege um termo em especial para identificar a força que governa o destino dos homens. Não há dúvida de que admitia essa “força” ou inteligência superior. Também não há razões para duvidar de que o jovem apenas reproduza, de forma difusa e, às vezes, pouco coerente, as idéias dos seus mestres sobre a existência de um poder soberano, cujas manifestações são claras no mundo, mas cuja natureza o homem não consegue captar, constituindo-se num mistério. Um elemento especial deste mistério, e que preocupou particularmente os estóicos, com reflexos importantes na obra de Lucano é a questão da interação entre o destino e a liberdade individual. Até que ponto os atos humanos são predeterminados? Até que ponto o homem pode fugir às imposições da sua sorte? Somente as flutuações espirituais do jovem poeta, diante dos eventos sócio-políticos e das próprias vicissitudes, podem bem justificar as expressões contraditórias, aqui e ali ao longo da obra: num momento, o poeta parece fazer eco às teorias estóicas sobre a providência divina; noutros, espelha uma concepção pessimista do universo.

No que se refere às divindades e às formas das suas manifestações, se alguma coisa afetava mais particularmente a alma inquieta do jovem Lucano, é o poder terrível de o destino decidir à revelia do esforço e da boa vontade dos homens e até sem um princípio moral. É como reflexo dessa inquietação que se pode ler o discurso de Catão em resposta a Bruto, com as justificativas para sua tomada de posição: realmente, a guerra é um mal; mas como ficar-lhe indiferente e inerte? Ele, só ele, Catão: só eu ficarei no ócio? *otia solus agam?* (v. 295) Se aprouvesse às forças sobrenaturais..., *o utinam caelique deis Erebi que liceret*. . . (v.306) - ele se entregaria como vítima em expiação pelas culpas ancestrais de Roma. Uma vez que isto não está em poder dele, mesmo com sacrifício próprio, resta-lhe decidir-se pelo menor mal, aderindo a Pompeu. Mas a responsabilidade deste necessário engajamento na guerra é toda de forças superiores; e afirma: será um crime dos deuses tornar-me, eu também, um culpado, *crimen erit superis et me fecisse nocentem* (v. 288).

Vê-se, então, a preocupação de o poeta salvaguardar a posição de Catão, apontando-o como exemplo de correção e de integridade moral. Os versos abaixo são famosos; conhecidos como “o retrato de Catão”, servem também como um documento característico do ideário estóico, e, talvez, do alinhamento de Lucano a esse ideário. O autor, de fato, revela-se no tom do entusiasmo, ao atribuir ao seu herói princípios estóicos tão cuidadosamente reproduzidos, em tudo coincidentes com o que a crítica chamou de fórmulas técnicas do estoicismo. Pela importância, é preciso reproduzir o excerto:

<i>Hi mores, haec duri inmota Catonis</i>	380
<i>secta fuit, servare modum finesque tenere</i>	
<i>naturamque sequi patriaeque inpendere uitam</i>	
<i>nec sibi, sed toti genitum se credere mundo.</i>	
<i>Huic epulae uicisse famem; magnique penates</i>	
<i>summouisse hiemen tecto; pretiosaue uestis</i>	385
<i>hirtam membra super Romani more Quiritis</i>	

*induxisse togam; Venerisque hic maximus usus
progenies; Vrbi pater est Vrbiq;ue maritus,
iustitiae cultor, rigidi seruator honesti,
in commune bonus; nullosque Catonis in actus 390
suprepsit partemque tulit sibi nata uoluptas.*
(372-91)

Estes os costumes, estes os princípios do austero Catão:
manter o equilíbrio, guardar-se dentro dos limites,
seguir a natureza, dedicar a vida à pátria,
conscientizar-se de que não veio ao mundo só para si
mas para todo o mundo.
Para ele, vencer a fome é um festim; um teto para abrigo no inverno,
suntuosa morada; a toga áspera jogada sobre as espáduas
à moda dos antigos romanos, veste preciosa; razão maior do sexo,
a procriação. Para Roma, ele é pai, é esposo.
Cultor da justiça, observador de uma honestidade rígida,
a voluptuosidade natural jamais se insinuou
em qualquer ato de Catão,
jamais o induziu a qualquer egoísmo.

O enaltecimento é caloroso, feito em função da finalidade de marcar a personagem, não como actante de feitos na guerra, mas como um modelo de vida, uma encarnação dos mais sadios princípios morais, da *uirtus* romana autêntica. É isto o que interessava ao poeta demonstrar, este o verdadeiro objetivo seu, neste momento do poema; entretanto, por opção pessoal, que acabou sendo inovadora, embasou-se no objetivo aparente da mera narração dos fatos.

Sempre preocupado em estabelecer correlação com o todo da narrativa, Lucano não esquece a linha encomiástica do seu herói, repetidamente apresentado como personificação de virtudes maiores; e estas virtudes são, por sua vez, são mostradas como que correspondentes às idéias cívico-morais do estoicismo. Outra prova disso são os versos que seguem, abaixo transcritos.

Ille,
..... 20
*oderat et Magnum, quamuis comes isset in arma
auspiciis raptus patriae ductuque senatus;
at post Thessalicas clades (. . .) Patriam tutore carentem
excepit, populi trepidantia membra refouit, 25
ignauis manibus proiectos reddidit enses
nec regnum cupiens gessit ciuilia bellla
nec seruire timens. Nil causa fecit in armis
ille sua: totae post Magni funera partes
libertatis erant.*
(IX, 19-30)

Ele (Catão),
.....
mostrara aversão até a Pompeu,
embora o acompanhasse no exército,
levado pelo senso do dever com a pátria e a exemplo do senado.
Mas, depois das desgraças na Tessália, (. . .).
Tomou a si, como um tutor, a pátria carente;
reanimou as forças titubeantes do exército, repôs nas mãos pusilânimes

as espadas abandonadas; gerenciou a guerra civil
sem a cupidez do governo e sem o temor de servir.
Em armas, nada fez em benefício próprio; após a morte de Pompeu,
seu único partido era o da liberdade.

A propriedade das expressões é tal que dispensa maiores comentários.

Num episódio seqüente, em que narra as honras fúnebres a Pompeu, Lucano apresenta o discurso de Catão, e reafirma que se trata de mais uma manifestação sobre grandeza de alma do seu herói: eram palavras provenientes de um coração cheio de verdade, *uerba ... a pleno uenientia pectore ueri* (vv. 190). A oração fúnebre comprova o completo domínio que Catão sobre si mesmo, a serenidade própria de quem alcançou a ataraxia e, imune aos sentimentalismos vulgares, é a encarnação da sabedoria estoica.

Outra passagem interessante para ilustrar a conduta austera de Catão é o relato sobre a marcha do general com suas tropas deserto adentro. É episódio histórico bem conhecido. Plutarco o relata, informando que demorou sete dias inteiros a marcha continuada. Lucano atribui-lhe dois meses lunares de duração e, na *Farsália*, a narração é extensa, compreende 637 versos,. Porém, não se restringe a fatos comprovadamente históricos. Pelo contrário, vários são os episódios e as digressões em que a preocupação do efeito emocionante vasa para a linguagem; é particularmente notável a preferência pela exacerbação do mórbido e do chocante. Lucano informa as intenções do general: manter os soldados ocupados em exercícios bélicos... e ocupar as mentes numa série de esforços, *actu belli.... mentes serieque agitare laborum* (vv. 294-95). São dois objetivos claros; atenção para o segundo, que mais parece uma programação ascética do que um programa de exercícios militares.

Entretanto, sem se afastar da objetividade, o poeta aduz razões estratégicas para as opções de Catão. Aproveita-lhe, para tanto, a decisão seqüente, quando ordena às tropas que deixem os navios e desembarquem no litoral líbio, para marchar através dos areais do continente. A finalidade prática é bem explicada: contornar os golfos insidiosos por terra e, assim, fugir às tempestades, habituais na estação do inverno que já se anunciava; a par dos motivos de natureza pragmática, isto é, ocupar os soldados no exercício físico e no treinamento bélico, Lucano aduz a outra razão, que deixa suficientemente claro provir do ascetismo de Catão. É que o sábio e santo comandante sempre vivia animado pelo ideal de uma *dura uirtus*; e a *uirtus* (em qualquer sentido, de “virtude” ou de “coragem”) se educa e se constrói no enrijecimento do caráter, no triunfo da vontade e no sacrifício de si; por isso, enfrentar as intempéries e os perigos do deserto eram razões importantes, pontuadas na fala de Catão; é útil a transcrição do inteiro teor do discurso:

<i>O quibus unasalus placuit mea castra secutis</i>	
<i>indomita ceruice mori, componite mentes</i>	380
<i>ad magnum uirtutis opus summosque labores.</i>	
<i>Vadimus in campos steriles exustaque mundi</i>	
<i>qua nimius Titan et rarae in fontibus undae,</i>	
<i>siccaque letiferis squalent serpentibus arua:</i>	
<i>durum iter ad leges, patriaeque ruentis amore</i>	385
.....	
<i>Hi mihi sint comites, quos ipsa pericula ducent,</i>	390
<i>qui me teste pati uel quae tristissima pulchrum</i>	
<i>Romanumque putant. (. . .)</i>	
.....	
<i>At qui sponsore salutis</i>	
<i>miles eget capiturque animae dulcedine, uadat</i>	
<i>ad dominum meliore uia. Dum primus harenas</i>	
<i>ingrediar primusque gradus in puluere ponam,</i>	395

*me calor aetherius feriat, mihi plena ueneno
occurrat serpens, fatoque pericula uestra
praetemptate meo: sitiatur, quicumque bibentem
uiderit, aut umbras nemorum quicumque petentem,
aestuatur, aut equitem peditum praecedere turmas, 400
deficiat: si quo fuerit discrimine notum,
dux an miles eam. Serpens, sitis, ardor harenae
dulcia uirtuti; gaudet patientia duris;
laetius est, quotiens magno sibi constat, honestum.
Sola potest Libye turba praestare malorum,
ut deceat fugisse uiros.*

(IX, 379-406)

Ó soldados, que tendes seguido as minhas fileiras
e optastes como uma salvação morrer de cabeça erguida;
preparai o coração ao grande exercício da virtude
e aos maiores esforços.

Entramos em áreas estéreis e tórridas do mundo,
onde o sol é abrasador e escassa a água nas fontes,
onde a terra seca está infestada de serpentes mortíferas:
é áspero o caminho da lei. É por amor à pátria em ruínas
que deverão marchar através da Líbia

.....
Sejam meus companheiros aqueles aos quais
os próprios perigos impelem,
aqueles que consideram belo e romano sofrer,
sob meu comando, as mais graves aflições.

.....
Enquanto eu entrar, por primeiro, pelo areal
e, primeiro, marcar no pó os meus passos,
castigue-me o calor do céu, ataque-me uma serpente cheia de veneno;
pelo que acontecer comigo, antevede os vossos perigos.
Sinta sede quem quer que me veja beber;
sinta calor aquele que me vir procurar as sombras dos bosques;
esmoreça quem me vir, a cavalo, à frente dos soldados a pé,
ou enfim, se houver sinal, qualquer que seja,
de que eu marche como comandante ou como um soldado.
As serpentes, a sede, o calor da areia - são doçuras para a virtude.
A tolerância se compraz nas situações difíceis.
O bem é mais gratificante quando se paga mais por ele.
Somente a Líbia, pela profusão dos seus males,
pode demonstrar que seja decente homens fugirem.

Este discurso é considerado como exemplar das *suasoriae*. Mais do que levar ao destemor e à combatividade os soldados, Catão visava convencê-los da importância e da nobreza de certos hábitos de vida; tem-se aqui, em verdade, um programa de doutrinação moral em curso. As idéias centrais do discurso são representadas pelas palavras *uirtus* e *labor*, que se repetem funcionalmente, para marcar o objetivo da fala, a saber, inculcar a idéia de que *ad uirtutes per labores*. A dicotomia aparece clara nos vv. 380,81 - *componite mentes ad magnum uirtutis opus summosque labores*, preparai vossas almas ao nobre exercício da virtude e para os trabalhos mais grandiosos.

São de se notar os qualificativos *magnum opus* para *uirtus*; e *summos* para *labores*. Na sequência, os *labores* são bem definidos: *campos steriles, Titan, rariae undae, sicca arua, exusta, letiferis serpentibus* (vv. 382-84); e, por fim, uma expressão cabal, cunhada como

sentença eterna: *durum iter ad leges* (v. 385). Vejo clara, aqui, a transmutação de *labores* em *durum iter*; e de *uirtus* em *leges*; assim como vejo que *uirtus* e *leges*, ao final do discurso, são preciosamente decodificados como aquilo que é *pulchrum* e *Romanum*.

A figura de Catão se apresenta aí, mais do que de um comandante militar, a de um condutor de almas; mais do que uma personagem da história e/ou da narrativa, a personificação de uma filosofia de vida.

Do inteiro teor da fala resulta possível compreender - e isto é importante - uma relação entre a liberdade política dos homens e a liberdade interior de cada indivíduo. Desta forma, dos termos *labor* = *durum iter* postos em contraste a *uirtus* = *leges*, transpondo-se o leitor para o plano da mensagem literária, pode assimilar a lição do dualismo da ética estoica vivenciada exemplarmente por Catão: um homem de virtude é um verdadeiro cidadão; e vice-versa.

O destino do resoluto Catão, *securi fata Catonis* (v. 410); a austera virtude de Catão impõe, *Catonem dura iubet uirtus* (v. 444,45); ao santo Catão, *sancto Catoni* (v.555); cheio da divindade, *deo plenus* (v. 564); verdadeiro pai da pátria, *parens uerus patriae* (v. 601) - são frases, termos ou expressões utilizadas por Lucano na seqüência do Canto para montar o perfil do comandante. O poema toma a feição de um eloqüente panegírico; de narrativo, somente o que serve à exemplificação da grandeza de alma de Catão.

A isso serve o relato da reação do general ao gesto do soldado que lhe ofereceu água, de uma rara e exígua fonte, ao longo da caminhada através do deserto (vv. 503-510). A passagem seria, segundo vários críticos, um *exemplum* tomado do rol de exercícios utilizados nas escolas de retórica. Seria, por outro lado, relacionada a um episódio semelhante que teria ocorrido com Alexandre, o Grande. Em verdade, Quinto Cúrcio relata tal episódio no VII livro da sua história sobre o legendário general macedônio. Importa, realmente, que Lucano tenha reaproveitado a historieta, e muito bem, para os seus propósitos de enaltecer em Catão o autocontrole (*continentia*) e a grandeza de alma (*magnanimitas*). Na sua descrição singularmente sucinta, o poeta infunde certa teatralidade às palavras e aos gestos de Catão. A indignação do virtuoso chefe parece uma atitude “estudada”, sobretudo se relacionada à serenidade que o poeta sempre lhe atribuiu. É até admissível que assim tenha sido, pois que lhe interessava o efeito espetacular para a maior comoção dos soldados: para ele, Catão, beber ante o exército *sitiente*, ao invés de um alívio, seria o castigo de uma fraqueza; ele se veria diminuído na consideração dos seus.

O relato de outro episódio, bem mais extenso (vv. 511-86), ainda dentro do bloco narrativo da marcha pelo deserto, contribui ainda mais para o delineamento do perfil idealizado por Lucano para o “santo Catão”: é o relato da visita ao templo de Hamon. O poeta explica tratar-se do único templo da Líbia (v. 512,513). Às portas do templo, os comandados insistem para que o chefe consulte o famoso deus líbio a respeito dos eventos futuros da guerra.

*Datur ecce loquendi
cum Ioue libertas: inquire in fata nefandi
Caesaris, et patriae uenturos excute mores:
iure suo populis uti legumque licebit,
an bellum ciuile perit? (IX, 557-61)*

eis que se nos apresenta
a oportunidade de falar com Júpiter: interroga-o
sobre a sorte do ímpio César,
consegue dele informações sobre o futuro da pátria:
ao povo será possível valer-se das leis e do seu próprio direito
ou esta guerra civil é inútil?

São questões pontuais imediatas, nascidas do sentimento da cidadania (*inquire in fata nefandi Caesaris, et patriae uenturos excute mores* - v. 559), do anseio da paz sob o império das leis (*iure suo populis uti legumque licebit?* - v. 560), da angústia quanto ao êxito da guerra (*an bellum ciuile perit?* - v. 561). Mas há também, sugestivamente no fecho do discurso, interrogação de outra natureza, como que indicadora de uma inquietante preocupação com a verdade moral: *quaere quid est uirtus et posce exemplar honesti*. (IX, 563) pergunta o que é a virtude, pede-lhe um modelo de honestidade.

Impossível saber-se, hoje, até que ponto tais manifestações são espontâneas, reveladoras de inquietações eternas na alma de todos os homens, até que ponto são questões de estudada retórica para pôr em evidência a figura de Catão como paradigma da virtude estoica. Certamente, porém, realizam um efeito de comoção na alma do leitor, criam uma expectativa ansiosa. A frase solene com que a resposta é introduzida acrescenta reverência à ansiedade. Catão, transbordante da divindade, derramou do coração palavras dignas de um oráculo: *deo plenus, effudit dignas adytis e pectore uoces* (v. 564-65). Ou seja, porque tomado pela divindade, as palavras do sábio eram oraculares. Vale dizer que não seria preciso consultar oráculos: ele, Catão, era oráculo sempre presente. A resposta do sábio fica, num primeiro momento, toda contida numa palavra só: *scimus* (v.572), nós o sabemos. Ele, Catão, já tem todas as respostas. Depois, como que condescendendo à menor compreensão do comum dos homens, explica que Amon (e neste deus a personagem - ou o narrador? - parece querer identificar a divindade, em geral) não poderá inculcar nos seres humanos idéias mais nobres do que já o fez; e não é porque não fale. Na verdade

dixit ... semel nascentibus auctor 575
quicquid scire licet, steriles nec legit harenas
ut caneret paucis mersitque hoc puluere uerum
estque dei sedes nisi terra et pontus et era
et caelum et uirtus. Superis quid quaerimus ultra?
Iuppiter est quodcumque uides, quodcumque moueris. 580
Sortilegis egeant dubii semperque futuris
casibus ancipites; me non oracula certum,
sed mors certa facit. Pauido fortique cadendum est:
hoc satis est dixisse Iouem 584

o Criador disse a todos nós que nascemos, de uma vez,
 tudo o que temos o direito de saber
 e não escolheu estes areais estéreis para profetizar a uns poucos, não afundou a verdade
 neste pó.

A morada dos deuses não é outra senão a terra inteira,
 e o mar e o ar e o céu e a virtude.

Por que procurarmos deuses além?

Júpiter é tudo o que vês, tudo o que tocares.

Os dúbios, os sempre hesitantes a respeito do futuro,
 é que têm necessidade de sortilégios.

A mim os oráculos não dão nenhuma certeza.

Mas a morte, esta virá, com certeza. O fraco ou o forte,
 é fatal que morrerão:

eis aí o que foi bastante Júpiter ter dito.

Os estudiosos são unânimes em reconhecer nesse discurso, novamente resumida, a ortodoxia estoica: a existência de uma providência sobrenatural manifestando-se no mundo, uma providência à qual o sábio deve conformar-se; a existência de uma consciência que se manifesta soberanamente ao nosso intelecto e à nossa vontade; a existência do acaso ou da

sorte, sem exclusão da responsabilidade moral das ações humanas; a superveniência inexorável e indesejável da morte. Estas idéias, que a crítica identifica como tributárias da filosofia estóica, encontram-se em obras de outros autores latinos da época, principalmente de Sêneca, não estão no poema como um fim em si. Ou seja, Lucano não fez do seu poema um tratado de filosofia; entretanto, a exegese do poema passa, necessariamente, pela atenção a essas preocupações existenciais que, com serem pontuadas em passagens marcantes da obra, revelam, com certeza, alguma coisa da alma do jovem autor, no qual, aliás, é lícito ver um representante da mocidade da época. Isto quase equivale a dizer que Lucano deve ter-se servido da personagem Catão para divulgar os conceitos e princípios que, tudo indica, o empolgavam, obviamente absorvidos do contexto cultural do momento.

Por outro viés, também é lícito concluir que o poeta se valeu da sedutora nobreza dos ideais da moral estóica para, atribuindo-os em grau superlativo a sua personagem, elevar Catão à categoria de herói no qual todas as qualidades se encarnaram a ponto de se identificar com a divindade mesma. E é este continuado esforço de construir um herói, fantástico não por proezas fabulosas nem pelas conquistas militares mas pela incorporação da divindade através da prática das virtudes, que distingue e singulariza, o poema *Farsália*.

O poeta prossegue, já em seguida, no afã do delineamento preciso do modelo de perfeição, na apologia, enfim, do santo Catão. E mostra que, mais do que falar, Catão faz; mais do que mandar ou comandar, arrasta com o exemplo:

*Ipsē manu sua pila gerit, praecedit anhelī
Militis ora pedes, monstrat tolerare uapores,
Non iubet, et nulla uehitur ceruice supinus
Carpentoque sedens; somni parcissimus ipse est, 590
Ultimus haustor aquae: cum tandem fonte reperto
Indiga cogatur laticis certare iuuentus,
Stat dum lixa bibat. (587-93)*

Ele mesmo, carrega os dardos com as próprias mãos, avança,
a pé, à frente dos soldados ofegantes.
Não dá ordens, dá exemplo de como suportar o calor.
Não se deixa transportar, indolentemente, sobre os ombros
de ninguém, nem sentado sobre algum carro.
Dorme pouquíssimo, é o último a satisfazer a sede
se alguma fonte é, enfim, localizada,
e o soldados sedentos são levados a brigar pela água:
ele aguarda até o último servente saciar-se.

Pode-se, pois, compreender a afirmação que o poeta vai fazer, na sequência, de que a marcha de Catão através do deserto é uma glorificação de caráter moral e que entenda, por fim, ser tudo isso razão para proclamar que Catão é o verdadeiro pai da Pátria:

*Ecce parens uerus patriae, dignissimus aris,
Roma, tuis, per quem nunquam iurare pudebit,
Et quem, si steteris unquam ceruice soluta,
Nunc, olim, factura deum es. (IX, 601-04)*

Eis, ó Roma, o verdadeiro pai da Pátria, digníssimo
<ele, sim> dos teus altares;
por ele jamais alguém se envergonhará de prestar juramento;
ele, se te mantiveres em liberdade
agora ou no futuro, tu o farás um deus.

aduolat atque ingens meritum maiusque salute 885
contulit, in letum uires, puduitque gementem
illo teste mori. Quod ius habuisset in ipsum
ulla lues? casus alieno in pectore uincit
spectatorque docet magnos nil posse dolores. 889

A extraordinária virtude do comandante
levou-os a suportar tantas aflições. Ele que dorme estendido
sobre a areia nua e que desafia o destino a cada hora.
É o único que está atento à sorte de todos;
para onde quer que seja chamado, ocorre. E traz um valor tão grande
que é maior do que a vida: forças na morte.
Morrer lamentando-se, diante de tal presença, tornou-se vergonhoso.
Que poder algum mal teria tido contra ele? Triunfa da desgraça
mesmo no peito de outrem,
e, observador das grandes dores, ensina que nada podem.

Convenha-se que qualquer comentário é supérfluo. Os versos falam por si próprios. Se antes inferia-se das expressões de Lucano a atribuição de uma paridade com os deuses a Catão, agora a deificação de Catão é, não só explícita, mas solenemente cantada.

Já há elementos suficientes para concluir. Foi nosso objetivo demonstrar que, dentro da obra *Farsália*, há aspectos distintivos que a singularizam como narrativa épica, garantindo ao poeta Lucano um papel inovador do gênero. Entre os elementos de inovação, ressaltamos o trato das personagens, que são figuras da história mitologizadas pelo poeta. Dentre as personagens, a figura de Catão foi posta em destaque, buscando-se identificar o trabalho criativo e poético de Lucano que exalta em Catão as virtudes da romanidade autêntica, assimilando-as – é este um enfoque da leitura e da crítica – a um ideal de vida sob o viés do estoicismo.

BIBLIOGRAFIA:

CARVALHO, Aécio Flávio. *Uma releitura da Farsália e Lucano: os conjuntos narrativos essenciais*. Tese de doutorado. Orientação da Profa. Dra. Zélia L. V. de Almeida Cardoso. DLCV/USP, 1999.

LUCAIN. *La guerre civile (La Pharsale)*, tomes I e II, texte établi et traduit par A. Bourgery. Paris: Les Belles Lettres, 1976.

LUCAIN. *La Pharsale*, traduction de Marmontel⁴, revue et complété par M. H. Durant et précédée d'une étude sur la Pharsale par M. Charpentier. Paris: Garnier Frères, s.d.

LUCANO, M. A. *Farsalia*, introducción, traducción y notas de Antonio Holgado Redondo. Madrid: Editorial Gredos, 1984.

LUCANO, M. A. *La guerra civile o Farsaglia*, introduzione e traduzione di Luca Canali, premessa al testo e note di Renato Badali. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 1987.

ENDT, I. *Annotationes super Lucanum*. Stuttgart: B. G. Teubner, 1969.

⁴ Marmontel (sic) sem indicação de prenome.